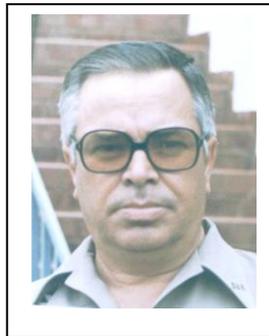


“O ATAQUE DE PORONGOS E OS 170 ANOS DE UMA FARSA INTERMITENTE”



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro ,Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. Presidiu em São Gabriel-RS os 1º e 2º aniversários da AHIMTB. O autor muito tem escrito sobre a Revolução Farroupilha, assuntos disponíveis em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB.

Trabalho do autor digitalizado o para ser colocado na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil FAHIMTB em www.ahimtb.org.br em Livros e Plaquetas e copia impressa. no acervo da FAHIMTB doado e Boletim a AMAN e em levantamento para integrá-lo ao Programa Pergamium de Biotecas do Exército.

“O ATAQUE DE PORONGOS E OS 170 ANOS DE UMA FARSA INTERMITENTE”

Cel Claudio Moreira Bento (X)

Abaixo a capa do livro **O ATAQUE DE PORONGOS E OS 170 ANOS DA SURPRESA DE PORONGOS**, de autoria do historiador Cesar Pires Machado, ocupante da cadeira Especial da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), em homenagem ao historiador gaúcho Dante de Laytano, volta mais uma vez, a esta injusta e intermitente controvérsia, cuja versão caluniosa agride as memórias do Duque de Caxias, do General Davi Canabarro e demais lideranças farrapas presentes no episódio ‘Surpresa de Porongos’. E, em especial, a do Duque de Caxias, patrono da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e Davi Canabarro, cujos restos mortais foram transferidos de Santana do Livramento em cavalgada que assinalou o renascimento do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), liderado por pioneiros deste Movimento que hoje se espalhou pelo Brasil e pelo mundo na forma de Centros de Tradições Gauchas (CTG). Mas desta vez Cesar Pires Machado, veio amparado no prólogo do sério historiador rio-grandense Sérgio da Costa Franco e abas do historiador e museólogo Giovanni Mesquita.

Sérgio da Costa Franco, em síntese de seu Prólogo, a seguir, colocada na 4ª capa, escreveu, honrando a História como instrumento de Verdade e de Justiça:

“Em um breve texto, Cesar Pires Machado presta três inestimáveis serviços à historiografia do Rio Grande do Sul: o primeiro deles é o de lançar por terra a versão caluniosa da traição de Canabarro à causa farroupilha: segundo, o de ter tramado e praticado a matança dos Lanceiros Negros comandados de Teixeira Nunes: e, terceiro, o de evidenciar a autoria do Barão de Caxias na suposta “surpresa de Porongos”, até hoje atribuída, sem a participação de seu Comandante-em-Chefe, às astúcias e falsidades do Moringue”.

Nota: Moringue era o Ten Cel da Guarda Nacional Francisco Pedro Brusque de Abreu, consagrado como Barão de Jacuí.

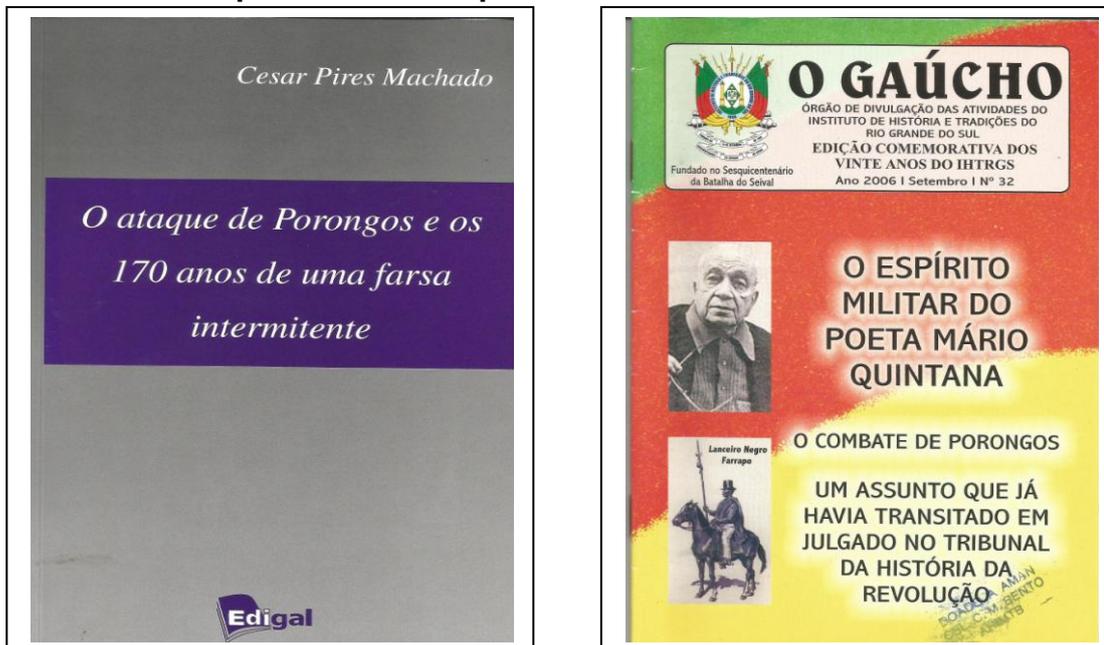
Na aba do livro escreve o Giovanni Mesquita, historiador e museólogo que, após escrever que os brasileiros em geral tem um prazer mesquinho de “falar mais de nós mesmos”, mencionou uma pesquisa em março de 2014 do IPEA de que 65,1% dos brasileiros concordavam que “mulheres que mostram o corpo merecem ser atacadas”. E que ninguém contestou tais dados nas redes sociais e nos órgãos de Comunicação Social formadores de opinião. Mas que depois o IPEA mencionou o erro e que sua pesquisa estava invertida. E sim, os 65,1% não concordavam com aquela afirmação. E sobre a Surpresa de Porongos ele deu como exemplo o seguinte fato:

“Da mesma forma a historiografia do Rio Grande do Sul, e com ela grande parte da opinião pública do Rio Grande do Sul se agarrou de unhas e dentes na tese de que Canabarro traiu os Lanceiros Negros em Porongos, entregando-os ao massacre para as tropas imperiais. Entretanto, uma voz grita no deserto, César Pires Machado, não se contentou com o consenso criado...”.

Pires Machado foi à luta....E no seu livro **PORONGOS - FÁBULAS E FATOS**, advertiu sobre o linchamento fácil de Canabarro.

Foi bom que três historiadores civis rio-grandenses viessem ao encontro de minha tese (abaixo) que publicamos no Informativo **O GAÚCHO** nº 32, de Setembro de

2006, alusivo aos 20 anos da fundação do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) em Pelotas, em 10 Set 1986, no Sesquicentenário do Combate do Seival, cuja capa figura ao lado da capa do livro do acadêmico César Pires Machado e que também aborda o espírito militar do poeta Mário Quintana.



O COMBATE DE PORONGOS – UM ASSUNTO QUE JÁ HAVIA TRANSITADO EM EM JULGADO NO TRIBUNAL DA HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO

Cel Cláudio Moreira Bento(X)

Tem dominado a Mídia contemporânea no Rio Grande do Sul, a tese de que Davi Canabarro traiu os guerreiros negros, infantes e lanceiros negros farrapos, no Combate de Porongos . Tese com base num ofício forjicado, num quadro de Guerra Psicológica e que alguns escritores riograndenses equivocadamente afirmam:

Que o Barão de Caxias teria enviado ao guerrilheiro imperial Ten Cel GN Francisco Pedro de Abreu, Chico Pedro ou Moringue sobre o qual ensaiamos a biografia em **Porto Alegre – memória dos sítios farrapos e da administração de Caxias**. Brasília: IHTRGS/EGGCF, 1989, e com apoio, em parte, da abordagem do General Souza Docca e no magnífico **Campos Realengos** do falecido historiador Raul Pont, que foi membro do IHTRGS.

Abordagens, sem o direito de resposta ou de contraditório que nos foi negado, predominando a tese de traição de Canabarro, tão celebrada, ao ponto do Instituto de Arquitetura do RGS, sediado em Solar que pertenceu ao Conde de Porto Alegre, haver organizado um Concurso para um monumento naquele local e já inaugurado. Falsa tese que se projetou no magnífico Programa **Globo Rural** ao abordar o Tropeirismo, em que na obra a seguir por um equívoco do autor, sem mencionar a obra e o local onde eu teria afirmado. Possivelmente por ter escutado alguém insistente em colocar na minha pena palavras que não escrevi.

Minha tese que reproduzo ao final é inteiramente contrária a que o historiador José Machado Leal em seu livro que muito apreciei **Rio Grande do Sul história e tradições** (Porto Alegre: Evangraf, 2006) afirmou como minha opinião a p. 65:

“Segundo Cláudio Moreira Bento, a página que mais envergonha a história rio-grandense é a traição de Porongos, quando a tropa fora desarmada por ordem do comando alegando suspeita de traição...”

Página mais vergonhosa foi o massacre por degola de inermes republicanos por federalistas em Rio Negro na Revolução de 93 e o massacre depois, de federalistas inermes por republicanos, em Boi Preto, na mesma Revolução.

Agora o sócio efetivo (atual Acadêmico) da Delegacia General Rinaldo Pereira Câmara, da AHIMTB no Rio Grande do Sul, o historiador César Pires Machado em plaqueta **Canabarro em Porongos – diversas abordagens**. (Porto Alegre: Est Edições, 2006) lançado em reunião da AHIMTB/IHTRGS em 21 de junho de 2006, no Colégio Militar de Porto Alegre, rebateu a falsa tese de traição, com precisão inquestionável, com o apoio em Alfredo Ferreira Rodrigues (1898-1901), Alfredo Varela (1889 e 1933), Walter Spalding (1934), Othelo Rosa (1935), Fernando Luiz Osório (1935), General Augusto Tasso Fragoso (1938), Ten Cel Henrique Oscar Wiedersphan, General Morivalde Calvet Fagundes (1984), Ivo Caggiani (1992), Moacyr Flores (2004), Raul K. M. Carrion. E a nosso pedido deixou de fora nossas opiniões que a seguir reapresento. Ele inicia a sua introdução escrevendo:

“As rivalidades estabelecidas entre as lideranças republicanas, a exaustão dos recursos por endividamento interno e externo e irrepreensível insatisfação popular, com a continuação da revolução que já durava quase 10 anos, eram alguns acontecimentos que vinham prenunciando o epílogo da Revolução.”

Foi nesta fase e logo depois do insucesso na conquista de São José do Norte, ao que nos parece, foi que entraram em cena **“os demônios de todas as revoluções”**, um bando confuso atrás de um responsável. E o eleito foi Davi Canabarro!

E o General Morivalde Calvet Fagundes, sobrinho do General Souza Docca, assim definiu os demônios das revoluções, com base num autor estrangeiro cujo nome não lembrou com segurança.

“Toda a ação revolucionária carrega em seu bojo os elementos da sua própria destruição, como sejam as contradições, as insatisfações, os desejos divergentes, as ambições incontroláveis, a calúnia, a inveja etc.”

E este quadro penso, havia se instalado no seio da Revolução Farroupilha a ao ponto de ser transferido para Canabarro, por seu reconhecido valor militar, o Comando do Exército, sendo antes obrigado a ingressar na Maçonaria, como o comprovou seu biógrafo e parente Ivo Caggiani em seu livro **Canabarro**. E a carta forjicada ou forjada por Chico Pedro de Abreu visava minar o comando de Canabarro para o indispor com os farroupilhas, por ele ser considerado o único no momento capaz de liderar, como consumado guerrilheiro gaúcho, a reação farrapa. E cumpriu o seu papel.

Cesar Pires Machado baseia a sua tese da não traição de Canabarro nas declarações de Alfredo Ferreira Rodrigues no seu **Almanaque** de 1901, com as quais em 1933, Alfredo Varela concordou em sua extensa obra **História da Grande Revolução** – por convencido da inocência de Davi Canabarro. Historiadores contemporâneos não atentaram para isto. Ou não quiseram, segundo o autor Cesar.

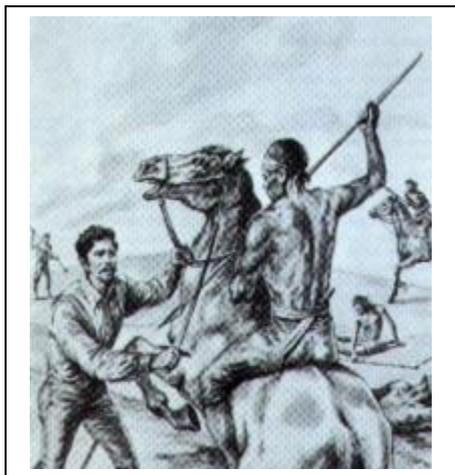
Estes dois autores por si só, justificam a inocência de Davi Canabarro que alguns escritores e jornalista gaúchos contemporâneos insistem na falsa tese de traição de Canabarro, o que contaminou e dominou grande parte do Rio Grande do Sul, ao ponto de se inaugurar um monumento aos Lanceiros Negros em Porongos, em Pinheiro Machado, no contexto de uma manipulação da História acusada por alguns de ideológica!

Lanceiros Negros que começamos a exaltar em 1971 em nosso livro **A Grande Festa dos Lanceiros** (Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1971), abordando a inauguração do Parque Histórico Marechal Luiz Osório, onde, motivado pela presença ali de réplica do lanchão farroupilha Seival, nele tratamos da sua participação na República Juliana e nesta, entre seus participantes, o canguçuense Cel Joaquim Teixeira Nunes em “Um lanceiro republicano farrapo e os seus comandados” e “Os Lanceiros Negros farrapos e a Abolição”, etc.

Ao estudá-los à luz da Arte e Ciência Militar achamos uma solução originalíssima como uma forma hoje reservada a ataques de blindados.

E continuamos estudando e divulgando a sua atuação que visava de lança em punho, consolidar suas liberdades nos campos de batalha.

Em 1972, como adjunto da Presidência da Comissão de História do Exército do seu Estado – Maior, participamos da elaboração da **História do Exército Brasileiro – perfil militar de um povo** (Rio de Janeiro. EME, 1972 3v) onde sugerimos uma homenagem aos bravos Lanceiros Negros gaúchos, os quais, por sua resistência a todo o custo salvaram em Porongos, sob a liderança do Cel Joaquim Teixeira Nunes a causa da Revolução Farroupilha, possibilitando que ela continuasse até a paz honrosa de Dom Pedrito. E pedi à minha senhora que fizesse alegoria sobre a resistência dos Lanceiros Negros em Porongos, sob a liderança de seu comandante Cel Joaquim Teixeira Nunes. Alegoria que foi publicada no volume 2 da citada **História do Exército** (pagina 478) com a seguinte legenda:



“Neste encontro os lanceiros negros farrapos, ao comando de Teixeira Nunes, salvaram o Exército Farrapo do desastre total e juncaram o campo de batalha com 80 mortos.”

O próximo passo foi abordá-los em nossos livros premiados no Biênio da Colonização e Inspeção do RGS em 1975.

- **Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS 1635-1879** (Porto Alegre: A Nação S.A./Instituto Estadual do Livro, 1975), 2º lugar.

- **O Negro e descendentes na Sociedade do RGS (1635-1975)**. Porto Alegre: Grafosul /IEL, 1975 (1º prêmio em Concurso Nacional), 1º lugar.

Livros ora reproduzidos e distribuídos, em fascículos, pela Universidade de Caxias do Sul por iniciativa do ilustre acadêmico da AHIMTB professor Mário Gardelin.

Este último foi prefaciado, a nosso convite, pelo ilustríssimo afro-brasileiro Deputado Carlos Santos, que chegou a governar interinamente o Rio Grande do Sul de igual forma que o líder farrapo afro brasileiro Cel José Mariano de Mattos, como o ilustre afro brasileiro Alceu Colares governou o Rio Grande por eleição. Mais tarde em artigo em Fev 1993, p. 10 do **Diário Oficial – Leitura** de São Paulo o escritor Mário Maestri, que tem defendido a traição de Canabarro em Porongos destacou que nosso livro, ao lado da obra do sociólogo Fernando Henrique Cardoso eram os dois melhores trabalhos sobre o Negro no RGS, etc.

Em 1983 produzimos **Canguçu reencontro com a História - Um exemplo de reconstituição de memória comunitária** (Porto Alegre: IEL, 1983), com prefácio de nosso primo, Luiz Carlos Barbosa Lessa, o filósofo do tradicionalismo gaúcho, no qual biografamos o Cel Joaquim Teixeira Nunes e o Tenente Farroupilha Manoel Alves Caldeira que foram o comandante do Corpo de Lanceiros Negros e o porta bandeira do mesmo corpo, no vitorioso combate de Rio Pardo, em 30 de abril de 1838, sobre o qual, nos seus 150 anos, em Encontro do IHTRGS, em Rio Pardo, lançamos plaqueta intitulada **Sesquicentenário do combate de Rio Pardo**. (Rio de Janeiro: IHTRGS, 1988). Trabalho que se constituiu numa análise pioneira do mesmo, à luz de fundamentos e princípios da Arte Militar. Trabalho reproduzido no segundo volume de nosso **O Exército farrapo e os seus chefes**, junto com o combate do Seival com o mesmo enfoque. Obra a abordar adiante.

E hoje Teixeira Nunes, considerado pelo General Tasso Fragoso como a maior lança farrapa e mais o Ten farrapo Caldeira, foram consagrados como patronos de cadeiras da Academia Canguçuense de História. O primeiro por natural de Canguçu e o segundo natural de Cerrito e por haver residido em Canguçu depois da Revolução Farroupilha, onde fundou no

interior um Clube Republicano. E ali ele escreveria suas **Memórias** sobre a Revolução Farroupilha e publicadas em parte pela **Revista do IHGRS** em 1921, usadas por diversos historiadores pioneiros desta Revolução, Alcides Mendonça Lima, Alfredo Ferreira Rodrigues, Alfredo Varela e Piratinino de Almeida. No meu caso tirei real proveito de suas análises judiciosas sobre o verdadeiro perfil dos líderes militares farrapos no citado **O Exército Farrapo e os seus chefes**.

Em 20 de setembro de 1985, no sesquicentenário do início da Revolução Farroupilha lançamos edição especial do evento, e bastante ilustrada no **Diário Popular** de Pelotas, que fez a seguinte chamada:

“Uma edição para ficar na História. Guarde-a para seus filhos ou netos, lembrando o ano 2035. Edição com 23 páginas com 50 ilustrações”.

Em 10 de setembro de 1986, centenário do combate de Seival, fundamos em memorável e concorrida cerimônia, no auditório da na Escola Técnica Federal em Pelotas, o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) com a finalidade;

“De levar a efeito mutirão permanente, visando a preservação, a pesquisa, o culto e a difusão, com a maior penetração popular, da história, tradições e folclore do Decênio Heróico, com o concurso governamental, de empresários, comunidade em geral, historiadores, tradicionalistas e folcloristas rio-grandenses .”

E isto ele vem realizando há 28 anos através de encontros em municípios gaúchos e agora divulgando seus trabalhos através de seu informativo **O Gaúcho**, mas sem apoio da mídia gaúcha, a não ser do jornal **Tradição**, ao tempo do saudoso e incansável tradicionalista Edson Otto e mais do **Diário Popular** de Pelotas, ao tempo de Clayr Rocheford e do **Platéia** de Santana ao tempo de Ivo Caggiani. E os três citados sócios efetivos do IHTRGS e lamentavelmente falecidos.

Em 1988 no centenário da Abolição, participamos de um concurso literário, promovido pela Biblioteca do Exército sob o título **O Exército e a Abolição**. Tiramos o primeiro lugar e nosso trabalho foi publicado na **Revista A Defesa Nacional**, com destaque na sua capa e em seu nº 738, jul/ago 1988 as p. 7/30. E sobre ele proferimos palestra na IHGB, em 20 de abril de 1988, no contexto do Simpósio promovido sobre a Abolição. Recordo que a seção foi presidida pelo General Edmundo de Macedo Soares, então historiador e que fora o construtor da CSN em Volta Redonda e desta cidade. E foi a sua última aparição pública pouco antes de falecer.

Dentre as nossas 7 conclusões sobre o tema reproduzimos as seguintes:

1ª - Que a contribuição do negro e seus descendentes foi maciça, marcante e efetiva no campo militar, para ajudar a integrar os brasileiros num país de dimensões continentais, cristão e talvez a maior democracia racial, em que pese detectar-se, vez por outra, sem justificação científica, manchas de preconceito e de discriminação racial e até de racismo.

2ª - Que apesar das manchas mencionadas, a situação do Brasil é invejável, a concluir-se de Arnold Toynbee que foi considerado o maior historiador ocidental. Em A SOCIEDADE DO FUTURO ele escreveu;

“A meu ver, o sentimento racial é uma ameaça à paz mundial e um obstáculo à unidade da humanidade. No entanto espero que o resto do mundo veja o exemplo do Brasil, México, Paquistão e Havaí e venha a abandonar este preconceito em relação as diferenças raciais.

Foi neste contexto que a contribuição militar dos Lanceiros Negros farrapos foi efetiva para uma paz honrosa e projeção da República Rio Grandense na nossa centenária República Brasileira.

E com apoio em Henrique Oscar Wiedersphan em **O Convênio de Ponche Verde**.(Porto Alegre: IEL, 1979), a 5ª conclusão.

5ª - Que o Duque de Caxias, atual patrono do Exército e da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (hoje FAHIMTB) é um destacado pioneiro abolicionista. Isto por haver assegurado a liberdade, ao final da Revolução Farroupilha, por sua conta e risco, contrariando instruções superiores, a 120 lanceiros. Ação que Caxias praticou 43 anos antes da Lei Áurea”.

E durante este todo este tempo não havia ressurgido a caluniosa tese da traição de Canabarro em Porongos. E caso tivesse havido traição desmoronaria o orgulho nativista pela Revolução, por estarem presentes naquele episódio várias outras lideranças farrapas que seriam co-responsáveis pela traição e não são citadas.

Foi em 1991 que publicamos a obra **o Exército Farrapo e os seus chefes**. (Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1991. 2v). Baseamo-nos em grande parte em dados inéditos colhidos nos 12 preciosos volumes dos **Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul**. E nele evocamos com maiores dados lideranças farrapas esquecidas, com os já citados Cel Teixeira Nunes, Tenente Manoel Alves da Silva Caldeira e o Coronel Joaquim Pedro Soares, veterano nas lutas contra Napoleão na Península Ibérica, o qual, em realidade foi quem dispôs as tropas em Seival para o jovem de 33 anos, Antonio de Souza Neto e foi quem sugeriu, organizou e comandou inicialmente os Lanceiros Negros em Seival. Batalha esta vencida pela Brigada Liberal de Neto, que resultou da transformação do Batalhão da Guarda Nacional do amplo e novel município de Piratini e constituída de ¼ de guardas nacionais do Piratini -sede, ¼ do distrito de Canguçu, ¼ do distrito de Cerrito e ¼ do distrito de Bagé até o Pirai Distritos que se tornaram os atuais municípios de mesmo nome.

“História é verdade e justiça. Esta é a minha verdade histórica”!

Ao final estudamos, à luz dos fundamentos da Arte Militar e pioneiramente as vitórias farrapas de Seival e Rio Pardo onde brilharam os Lanceiros Negros.

Em 1994 abordamos o assunto na **História da 3ª Região Militar – 1808-1889 e Antecedentes**.(Porto Alegre: 3ª RM, 1994).

Em 2003 publicamos a obra **Caxias e a Unidade Nacional** (Porto Alegre: AHIMTB, Metrópole, 2003), em comemoração aos 200 anos de Caxias, patrono do Exército e da nossa Academia e que presidiu o Rio Grande do Sul por duas vezes, onde realizou administração memorável estudada por Walter Spalding e Moacyr Flores e que reproduzimos e ampliamos no citado **Porto Alegre memória dos sítios farrapos e da administração de Caxias**.

Em **Caxias e a Unidade Nacional** tratamos destes assuntos sobre os Lanceiros Negros farrapos e consideramos Caxias pioneiro abolicionista, 43 anos antes da Lei Áurea, Isto por haver Caxias, segundo Wiedersphan em seu **Convênio de Ponche Verde**, assegurado a liberdade aos escravos que haviam lutado em troca de sua liberdade no Exército Farrapo e os incorporando como livres a Cavalaria Ligeira do Exército, destacada no Rio Grande do Sul. Abolição vale lembrar provocada pelo Clube Militar sob a liderança do Marechal Deodoro da Fonseca há pouco egresso da Presidência do Rio Grande do Sul, onde liderou a Questão Militar e por protestar pelo uso do Exército como Capitão de Mato.

Mas os efeitos **“dos demônios das revoluções”** mencionadas no início, com apoio na carta forjada por Chico Pedro, intrigando Canabarro com os farrapos, numa bem sucedida operação de Guerra Psicológica, como hoje seria classificada, continuaram atuando até hoje, inclusive como instrumento de manipulação política ideológica, diminuindo a grande projeção da contribuição do Negro na Revolução, transformando-os de admiráveis heróis guerreiros ou de “Suíços da América! a miseráveis explorados. **Com isto não concordamos!** Heróis guerreiros foi o que concluímos ao escrevermos nosso livro citado **O Negro e descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul**. Livro retribuição a um gesto nobre do Deputado Carlos Santos que foi o único parlamentar gaúcho a deixar o seu lugar e vir ao meu

encontro me cumprimentar pelo 2º lugar que obtive com meu livro **Hipólito da Costa - O Gaúcho fundador da Imprensa Brasileira**, em concurso promovido pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul e Associação Rio Grandense de Imprensa(ARI). Livro ora publicado com o patrocínio da FHE-POUPEX e sob a égide da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e lançado na ARI.

Estudando as **Memórias** de Chico Pedro publicadas na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RGS** em 1921, nada ele refere a traição de Canabarro quando poderia a ter confirmado se ela tivesse ocorrido, conforme abordamos no já citado **Porto Alegre – memória dos sítios farrapos e da Administração de Caxias**.

Durante a Guerra do Uruguai 1864 e início da Guerra do Paraguai enquanto o Exército havia se internado no Uruguai, o comando da fronteira gaúcha com o Uruguai ficou a cargo de tropas locais improvisadas mobilizadas por Chico Pedro e a fronteira com a Argentina por tropas locais improvisadas mobilizadas por Canabarro.

E de costas um para o outro, estavam dois inimigos desde a intriga de Porongos, mas ambos admiráveis como os maiores especialistas em Guerra à gaúcha, junto com Bento Manoel Ribeiro.

Nesta fase Canabarro foi vítima de outra grande injustiça por não ter impedido que invasores paraguaios penetrassem por São Borja e atingissem sem nenhuma reação de sua parte até Uruguiana. Era agora vítima de **“uma guerra de alfinetes”** que não era a sua praia.

Esta estratégia ele já havia usado em 1841 contra o General Manoel Jorge que saiu a campo com o Exército para com ele travar uma batalha campal e chegou a destino destituído do comando, com enorme número de deserções, uma quantidade de doentes e falta de cavalos. Enfim um grande e desgaste de sua tropa. Ao percorrer o Rio Grande como um pneu rodando de um lado para outro sem nada encontrar. Em resumo um fracasso militar!

E Canabarro tentou realizar isto com Caxias. Pois no comando do Exército Farrapo durante 16 meses ele foi perseguido pelo Barão de Caxias que tinha como subordinados em duas frentes Chico Pedro, com sua base de operações na atual cidade de Canguçu e Bento Manoel na fronteira com o Uruguai. O Barão de Caxias perseguiu Canabarro por 38 léguas por toda a fronteira sudoeste, sem conseguir o encontrar e o obrigar a um combate.

O Tenente Caldeira que o acusou de traição em Porongos, por ouvir dizer e vítima da intriga de Chico Pedro, assim traçou perfil militar de Canabarro que registramos ao biografá-lo no citado **Exército farrapo e seus chefes**, v.1

“Canabarro foi o general mais severo da revolução. Mantinha ordem e boa disciplina nas forças que comandava.. Era um general muito arrojado . Não era ilustrado, porem era muito perspicaz , enérgico e muito audaz .Era muito respeitado . O inimigo sempre o considerava bom guerreiro. Marchava com denodo na frente de Caxias, sem que este bravo general conseguisse batê-lo em campo raso. Ele possuía a melhor gente da fronteira com ele”.

E mais adiante Caldeira referiu: ‘Canabarro era um homem de caráter muito severo. Era valente a toda a prova e muito perspicaz Durante a revolução nunca foi derrotado. Somente em Porongos perdeu parte da tropa que comandava. Quando Caxias estava em seu encalço ele mais severo se tornou.. Chegava a dizer aos oficiais faltosos, caso repetissem faltas que ele lhes dava duas alternativas, prisão, ou liberdade de desertar para Caxias e apontava para o acampamento imperial. Era homem de poucas palavras e positivo. Sua vontade era de ferro”’.

Garibaldi o herói de dois mundos afirmou:

“Canabarro era rude na aparência, mas de excelente coração.”

Antônio Vicente da Fontoura assim depôs sobre Canabarro:

“Ele era laborioso, ativo, e enérgico, prevendo as marchas e os planos do inimigo e suprindo a nudez e provação do soldado. Em

marcha ora num flanco ora no outro ou a retaguarda e logo a frente, fazendo conservar a ordem dos esquadrões e a regularidade das colunas, infundindo ao soldado enregelado pelo frio um novo brio (moral) e uma audácia mesmo no rigor da estação no inverno.”



Para o Monsenhor Pinto de Campos um dos primeiros biógrafos de Caxias ele escreveu:

“Havia incontestavelmente em Canabarro talento guerreiro, auxiliado por muita energia, decisão e concepção militar variada e vasta. Era um Proteu, revestindo-se de mil formas e imaginando constante e sucessivamente novos ardis. “E por isto era muito respeitado como militar por Caxias”.

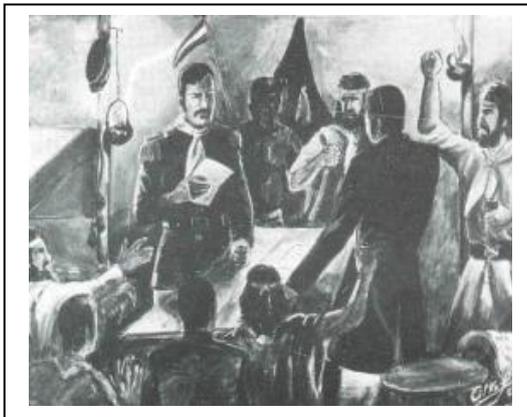
Como um homem com este perfil iria trair seus homens em Porongos?

Como um general deste nível pouco depois da surpresa de Porongos se apresentaria à luta com um Exército de 1000 homens dentre os quais 120 Lanceiros Negros.

Enfim a sua inocência foi comprovada em 1901 por Francisco Ferreira Rodrigues e transitou em julgado na obra **A Grande Revolução** de Alfredo Varela em 1931 (Porto Alegre: Liv Globo, 1933. 1 ed). Creio que foram os historiadores que mais se aprofundaram na pesquisa e divulgação do Decênio Heróico.

Desde menino na escola e depois Brasil afora, ouvíamos sua consagração patriótica por haver assim respondido ao Ditador Argentino que lhe ofereceu apoio em sua luta contra o Império, em momento difícil para os farrapos.

“Recusamos sua proposta! E com o sangue do primeiro argentino que ousar atravessar a nossa fronteira, assinaremos a Paz com o Império”.



Atitude que procuramos melhor divulgar com uma alegoria a seguir que fizemos publicar em **O Exército Farrapos e os seus chefes** e na **História da 3ª Região Militar**. v.1.

Ao lado, alegoria de Canabarro repondendo a emissário argentino sua resposta a receber apoio do ditador argentino

Achamos **A Casa das Sete Mulheres** um grande sucesso e que ora esta sendo reprisada, mas uma fantasia notável que conservou a espinha dorsal da Revolução . E creio tenhamos cooperado indiretamente com ela, através do ator Douglas Simon, que representou nela, com dignidade, o personagem Cel Joaquim Teixeira Nunes. Fomos por ele procurado por conhecer pela Internet que havíamos escrito sobre o personagem. E lhe fornecemos o máximo de subsídios sobre o seu personagem e seus bravos Lanceiros Negros farrapos que com satisfação os vi representados na mini série.

Lamentamos como historiador que busca na História Verdade e Justiça, as figuras caricatas e desmoralizantes que a mini série apresentou dos generais Bento Manoel Ribeiro e Davi Canabarro, dois heróis da Integridade, da Soberania e da Unidade do Brasil no Sul e que ali são linchados profissional e moralmente.

Os descendentes de ambos se sentiram humilhados com o desrespeito à memória manipulada de ambos, sem amparo nas fontes confiáveis da História do Rio Grande do Sul e em especial a de Bento Manoel Ribeiro, o maior general da Revolução Farroupilha. General que foi defendido da condenação popular injusta pelo grande brasileiro Osvaldo Aranha, cujos argumentos reproduzimos ao sintetizar biografia de Bento Manuel em meu **O Exército Farrapo**

e os seus chefes v.1, as p.124,125 com apoio em seu artigo A Revolução de 35 e a Unidade Nacional, na **Revista Província de São Pedro** nº 5, as p 10/12. Razões de defesa que poderão melhor ser apreciadas em nosso livro em pareceria com Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis **História da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada-Brigada Charrua**, sediada em Uruguaiana.

E a injustiça contra ele e contra Canabarro de traição aos seus soldados negros se repetiu na fita de Vídeo **A Ferro e Fogo – a Saga das guerras e revoluções do Rio Grande do Sul**, na interpretação de um professor universitário gaúcho afro-descendente, com o qual procuramos dialogar sem sucesso. E no Memorial do Rio Grande do Sul, na antiga Agência de Correios de Porto Alegre lá se encontra exposta como verdadeira uma cópia da carta forjicada, realizando o seu grande papel manipulador da Verdade histórica, na cabeça desavisada dos visitantes. Carta que foi incluída com dúvidas na obra **Ofícios do Barão de Caxias na Revolução Farrroupilha**, editado pelo Exército. Ofício cujo teor e estilo contrastam com os dos outros ofícios.

Estes desencontros históricos dão razão a as estas palavras inscritas num painel no Museu da República, próximo do quarto onde o presidente Getulio Vargas decidiu o seu fim:

“Ser o passado comparável a uma enorme planície onde correm dois rios. Um reto e de margens bem definidas que é o rio da História. Esta fruto da razão e da análise isenta das fontes históricas autênticas, fidedignas e integras, à luz de fundamentos de crítica escolhidos.

O outro é um rio cheio de curvas e meandros e de margens indefinidas e inseguras e por vezes com perigosos alagamentos. Este é o rio do Mito. E este fruto das paixões humanas, das fantasias, da ignorância, das vinganças, da calúnia, das manipulações, das deformações, dos preconceitos e da injustiça, etc”.

Esta injustiça conquistou foros de verdade dentro do principio:

“De que uma mentira de tanto ser repetida transforma-se em verdade.”

E isto me faz lembrar a calúnia como um saco de penas jogados ao vento que será impossível juntá-las todas. É lamentável as consequências por mascarar e confundir nos gaúchos a real identidade e perspectiva histórica do Rio Grande do Sul que aos poucos vai deixando de ser

“O recanto da Tradição e Querência amada.”

Isto em razão das vitoriosas manipulações de sua verdadeira História e Tradições. É lamentável!

A seguir nosso trabalho que não foi acolhido por um jornal gaúcho, que não menciono, negando-me o direito de resposta ou de contraditório, a falsa tese de traição de Canabarro em Porongos. Isto não é Liberdade de Imprensa! Apelo que os jornalistas gaúchos, orgulhosos de sua relevante função social de bem informar meditem nesta questão e não invadam a função social do historiador e ajudem a evitar que o Rio Grande do Sul se transforme no tocante a sua Memória Histórica, uma nau sem rumo a deriva na tempestade, que não sabe aonde está, de onde veio e para onde vai. Apelo que sabemos inútil mas que tinha de ser feito.

OS SOLDADOS NEGROS FARRAPOS

NA SURPRESA DE PORONGOS E NO CONVÊNIO DE PONCHE VERDE

Cláudio Moreira Bento(x)

Em 16 Nov 2004, a Mídia no Rio Grande do Sul, através principalmente do jornal **Correio do Povo**, deu amparo, sem o contraditório, a interpretações históricas "revisionistas"

radicais, apresentando Davi Canabarro como traidor dos negros farrapos de Infantaria e Cavalaria, na Surpresa de Porongos. Isto por se deixar surpreender mediante acerto com o Barão de Caxias. Surpresa feita pelo famoso guerrilheiro imperial Chico Pedro ou Moringue e futuro Barão de Jacui:

"Com vistas a matar os índios, mulatos e negros farrapos que poderiam prejudicar o processo de Paz em curso."

Vejam que absurdo histórico criminoso !!!

Henrique Oscar Wiedersphan, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e hoje patrono de cadeira na Academia Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) em seu livro original e pioneiro, **O Convênio de Ponche Verde** (Porto Alegre: EST/Sulina/Universidade de Caxias do Sul, 1980), escreveu:

"A respeito desta surpresa de Porongos há uma série de coincidências que chegam a atingir Canabarro, ao ponto de que suscitaria sérias suspeitas de haver sido o mesmo executado em conluio dele com o Barão de Caxias e até com Antônio Vicente de Fontoura, embora se tenha posteriormente conseguido desfazer tais suspeitas de modo cabal e definitivo."

E a base da acusação foi um ofício bem forjicado (falsificado) por Chico Pedro, como sendo assinado pelo Barão de Caxias para ele, no qual este lhe ordenava que atacasse Canabarro, pois este não resistiria, conforme combinação entre ambos.

E esta falsidade atribuída a Canabarro fez o efeito esperado entre os farrapos, num quadro de Guerra Psicológica, os quais, em parte passaram a considerá-lo um traidor, até por interesse político escuso e como descarrego ou fuga de responsabilidades, pelo insucesso militar da Revolução que seria colocado assim na conta de Canabarro,

"Pelos demônios de todas as revoluções,"

Isto, segundo Morivalde Calvet Fagundes, o autor do mais completo livro sobre o Decênio Heróico. Ou seja, perto do fim do fracasso de uma revolução, ocorre a caça de um bode expiatório e no caso em tela foi eleito Canabarro.

E o ofício falsificado, que tantas injustiças provocaram à bravura, a honra e até hoje a memória histórica de Canabarro teve a seguinte origem:

"Chico Pedro em perseguição a Canabarro e acampado no Pequeri, falou ao seu Major de Brigada João Machado de Moraes: És capaz de imitar a firma do Barão de Caxias? E ele respondeu: - A letra é boa e talvez eu possa imitar. Então vamos fazer uma intriga contra Canabarro. Pois ele é o único que pode sustentar a Revolução. Portanto vamos fingir um ofício assinado por Caxias para mim dizendo que no dia tal eu vá atacar Canabarro e derrotá-lo, visto haver entre o Barão de Caxias e Canabarro e oficiais deste um Convênio ."

Escrito o ofício com a assinatura de Caxias falsificada, Chico Pedro ao passar em Piratini pela casa de Manoel Francisco Barbosa, mostrou-lhe o ofício falsificado. E este, republicano extremado, mordeu a isca. E exaltou-se e copiou o dito ofício e o distribuiu. A intriga planejada fez o efeito desejado que até hoje perdura, sem que sejam analisadas as heroicas

vidas de Canabarro e Caxias que negam a capacidade de fazerem tal acordo, bem como os oficiais subordinadas a Canabarro.

Mas, Félix de Azambuja Rangel em seu relato na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, 1º e 2º trimestre de 1928, p. 36-47, comprova a armação feita para abalar a confiança dos farrapos em Canabarro, o comandante de seu Exército, pelo seu grande e indiscutível valor militar como mestre consumado da Guerra à gaúcha, como demonstramos em sua biografia em nosso **O Exército farrapo e os seus chefes** (Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992, 2v), onde o estudamos junto com as demais lideranças militares farrapas, ao lado dos comandantes imperiais e do Barão de Caxias, o Pacificador em D. Pedrito atual, da Revolução Farroupilha e mais do que isto da Família Brasileira, há 13 anos em luta fratricida.

Esta histórica controvérsia se presta a dar razões a quem o desejar, de absolver ou condenar Canabarro, partindo de considerar o citado ofício como forjicado ou como verdadeiro.

E documentos forjicados como este tem sido comuns na História do Brasil como As cartas falsas atribuídas ao presidente da República em 1922 e que provocaram a Revolução de 1922. Creio que escrevemos pioneiramente sobre os Lanceiros Negros farrapos interpretando que em Porongos eles salvaram numa reação a todo o custo, com seu sangue, suas vidas e bravuras, a Revolução Farroupilha, impedindo uma rendição incondicional. E assim, deram fôlego à Revolução para que esta conseguisse condições honrosas. Mas outros preferem explorar o episódio como traição aos negros e assim estimular talvez a luta de classes e o baixo astral.

Por falta de apoio na Mídia, que não nos dá oportunidade de resposta ou de um contraditório em busca da verdade para seus desavisados leitores manipulados, abordamos o assunto na Internet, na Mídia Independente e no site GOOGLE, em A surpresa de Porongos, junto com outros autores como Paulo Bento Bandarra e Luiz Ernani Caminha Giorgis que procuraram desfazer esta intriga sem sucesso. Dando assim razão ao historiador Giovanni Mesquita,

“De que os brasileiros em geral tem um prazer mesquinho de falar de nós mesmos.”

Quanto aos negros no Convênio de Ponche Verde ou combinação de Ponche Verde há 43 anos da Lei Áurea, deve-se considerar como premissa básica a afirmação de Ortega y Gasset:

“Eu sou eu e as minhas circunstâncias!! .”

As circunstâncias na época eram de escravidão, apoiada no ordenamento jurídico da Constituição de 1824.

E que os farrapos lutaram até onde foi possível para assegurar a liberdade dos negros que lutaram em suas forças e ajudaram no campo de batalha a prolongar a Revolução quase 10 anos.

Que Instrução Reservada recebida por Caxias o autorizava a conceder ampla anistia aos farrapos.

Mas no seu artigo 5º ela estabelecia que os escravos que fizeram parte das forças rebeldes serão remetidos a Corte à disposição do Governo Imperial que lhes dará conveniente destino.

E que o Convênio de Ponche Verde estimulava em uma de suas cláusulas.

São livres e como tal reconhecidos todos os cativos que serviram à Revolta.

Segundo Henrique Oscar Wiedersphan na sua obra citada:

"Canabarro entregou 120 soldados negros farroupilhas que o Barão de Caxias alforriou (libertou) com apoio no Decreto de 19 nov 1838 que prometia liberdade a todos os negros farrapos que desertarem e se apresentarem às autoridades imperiais."

Para Wiedersphan os lanceiros entregues por Canabarro em Ponche Verde foram incorporados como livres a Cavalaria do Exército no Rio Grande do Sul.

Outra versão foi que Caxias os fez embarcar como livres para o Rio de Janeiro com a condição de não mais retornarem ao Rio Grande do Sul.

E que mesmo assim se pretendeu no Legislativo do Império, dar ultima forma a estas alforrias (liberdades) ao chegarem os Lanceiros Negros no Rio de Janeiro, não sendo efetivadas, somente ante o alarde ocorrido no citado Poder Legislativo, de parte de alguns dos mais exaltados da bancada liberal,

Acreditamos que estas questões históricas precisam ser aclaradas de vez pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, tendo como base suas preciosas fontes sobre o tema e mais os livros de seus distintos sócios. E isto se impõe para tentar esclarecer por completo esta controvérsia que envolve as honras do Barão de Caxias, de Davi Canabarro, de Chico Pedro, de Vicente da Fontoura da oficialidade farroupilha, os quais não depuseram sobre Porongos e Chico Pedro que poderia ter feito em sua **Memórias** não o fez. E sobre esta versão de movimento no Congresso para tornar sem efeito as alforrias, ou de traição dos soldados negros remetidos para o Rio, o ilustre senador gaúcho Paulo Paim, talvez pudesse conseguir que este fato fosse apurado nos excelentes arquivos históricos do Congresso que eu conheci ao lá tirar um Curso de Arquivologia na Câmara Federal em julho de 1972.

Tem sido uma controvérsia há mais de 160 anos usada politicamente e na atualidade, até ideologicamente, para alimentar uma luta de classes, baseado num fato que representa uma pretensa talvez mancha negra, a confirmar, no meio duma enorme e bela planície nevada que foi o Decênio Heroico que consiste na mais bela tradição gaúcha comemorada anualmente na Semana Farroupilha e que se projeta na nossa centenária República do Brasil. É sabido que o Marechal Deodoro da Fonseca foi Presidente do Rio Grande do Sul e seu comandante das Armas e que de lá saiu, tendo muito conversado com os republicanos Julio de Castilhos e Assis Brasil. Este o pioneiro na abordagem da Revolução como hoje ele é cultuada no Rio Grande do Sul. E no Rio com a assessoria de oficiais gaúchos que levou do Sul fundou o Clube Militar em 1887, forçou a Abolição em 1888, ao se manifestar contra o uso do Exército coma capitão de Mato. No ano seguinte proclamou a República.

E escrevemos este artigo com a autoridade que penso haveremos adquirido como autor dos livros **O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul 1625-1975** (Porto Alegre: Grafosul/IEL, 1976), **O Exército Farrapo e os seus chefes** (Rio de Janeiro: BIBLIX, 1971, 2 v.), **Porto Alegre –memória dos sítios farrapos....** (Brasília:EGGCF,1989) e como biógrafo de Duque de Caxias na obra **Caxias e a Unidade Nacional** (Porto Alegre: AHIMTB, 2003), e de Davi Canabarro e Cel Teixeira Nunes no citado o **Exército Farrapo e os seu chefes**. E do Cel Teixeira Nunes em nosso **Canguçu reencontro com a História, um exemplo de reconstituição de memória comunitária**, edições de 1983 e 2007.

Por oportuno apelamos a Mídia gaúcha, se isto for possível, que para reforçar a Democracia Brasileira e consagrar na prática o direito de resposta ou o contraditório, que dêem oportunidade a publicação de opiniões discordantes para que seus usuários formem a opinião correta e não sejam manipulados, por ouvirem só um lado Aliás ouvir os dois lados era uma característica da liderança de Canabarro.

E mais, que historiadores em geral, especialmente os gaúchos se apliquem em detalhar os nomes e destinos nos negros farrapos, com base em documentos que devem existir no Senado onde hoje atua com brilho o ilustre senador Paulo Paim que ao nos pareceu endossa a tese de traição, em que pese como historiador haveremos fornecidos elementos a um assessor que nos procurou. E que os rio-grandenses afro descendentes cultuem os feitos dos Lanceiros Negros e suas projeções heroicas na construção do Rio Grande do Sul o que levantamos com ênfase em nosso livro **O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul**. Livro que foi prefaciado pelo notável deputado negro Carlos Santos que chegou até a governar os gaúchos como seu governador interino e que ali falou representando todos os negros e seus descendentes gaúchos. Homem distintíssimo e glória de uma raça que em cerimônia na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul foi o único a deixar seu lugar e vir nos cumprimentar pela nossa pesquisa premiada em 2º lugar pela citada Assembleia e Associação de Imprensa do RGS pelo nosso trabalho em concurso literário por elas promovido intitulado **O gaúcho fundador da imprensa brasileira** (Hipólito da Costa) publicado em 2005 e lançado no Auditório da Associação de Imprensa do Rio Grande do Sul e comentado pelo jornalista Raul Quevedo, que muito se devotou ao estudo e divulgação da obra de Hipólito da Costa

Enfim que os negros gaúchos e seus descendentes não se liguem nas interpretações ideológicas de baixo astral que dominaram as comemorações de Porongos em 2004, potencializadas por parte da Mídia, etc. E sim que se liguem as interpretações de alto astral sobre a contribuição do negro e descendentes gaúchos na construção da sociedade do Rio Grande do Sul e em especial de sua gloriosa história militar onde soldados negros chegaram a ser denominados "Os suíços da América." E por fim que os comunicadores sociais respeitem a função social do historiador e não tentem os substituir como não desejariam e conseguiram que outros não pertencentes a sua função social roubem este seu papel. Aliás condição que conquistaram com a nossa participação acidental em 1968, ao encaminhar pleito na Radio Mundial no Rio de Janeiro de um grupo de jornalistas ao Ministro do Trabalho Jarbas Gonçalves Passarinho que o submeteu ao Presidente Arthur Costa e Silva e prontamente o aprovou e com fortes reações de empresas de Mídia. E mais que assegurem o contraditório, dando vez e voz aos historiadores, não os esmagando e os alijando da Mídia e coerente com as afirmações de que "**a História é a mestra da vida a mestra das mestras**" E mais que **História é verdade e Justiça!** Do contrario estarão acelerando uma marcha ré de volta a Idade Média, sob um autoritarismo preconceituoso disfarçado com pele de Democracia. Creio que meu apelo não será ouvido e atendido mas o registro para a História, para que alguém um dia o perceba. **História é Verdade e Justiça**, características fundamentais para preservar a identidade e perspectiva histórica do Rio Grande do Sul e no caso do Brasil, República, para a qual os Lanceiros Negros

contribuíram com seu sangue, vidas e privações e humilhações durante a Revolução Farroupilha.

Nota O **Jornal Inconfidência** nº 98 dedicado aos 203 anos do Duque de Caxias em trecho de mensagem intitulada 'A nossos leitores' faz o seguinte diagnóstico desta situação de manipulação da História do Brasil que ao que parece se verifica neste caso do Combate de Porongos.

“A História de uma nação é um bem por demais precioso, a ser preservado a todo o custo e cultuada permanentemente. Não podemos permitir que esta Memória, conquistada com o sangue, e o sacrifício de seus heróis, seja profanada e deturpada por interesses ideológicos alienígenas e pela falta de ética de historiadores, políticos e jornalistas enganando seus leitores, alunos e ouvintes, quanto aos fatos ocorridos e registrados em documentos oficiais fidedignos, íntegros e autênticos”.

Situação que aos poucos vai se revertendo e mais o seria se a Mídia fosse em realidade fiel a Liberdade de Imprensa, ou uma rua de duas mãos, assegurando o direito de resposta ou de contraditório. Mario Quintana, sobre o qual escrevemos sobre o seu pouco festejado Espírito Militar, mencionou: **Que um erro no bronze é um erro eterno**”. Mas que um dia poderá imortalizar negativamente e ridiculamente a memória de seus idealizadores!!.



Ao lado, o injustiçado Barão de Caxias, o Pacificador da Família Brasileira, em D. Pedrito em 1º Março 1845, consagrado patrono do Exército, da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil e O Patrono da Anistia, nas palavras de um ilustre jornalista e historiador brasileiro e ex-presidente da ABI.

(x) Historiador Militar e Jornalista, Fundador e Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS) e das academias Piratiniense e Canguçuense de História, sócio benemérito dos Institutos Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e do de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB), correspondente do CIPEL, IHTRGS, IHGPel, Instituto Histórico de São Leopoldo e o de São Luiz Gonzaga e o idealizador da ideia em 1972 pelas páginas do Diário Popular, de Pelotas, de trazer para o Brasil os restos mortais do Patrono da Imprensa. Idéia vitoriosa concretizada em Brasília.